



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Comunicação e Resistência¹ **Communication and Resistance**

Ana Cecília Aragão Gomes²

Resumo: Neste artigo, tentamos entender o fenômeno da comunicação a partir do conceito de comunicologia de Vilém Flusser, trazendo seus mecanismos internos, a fim de tentar traçar caminhos que contribuam para articulações possíveis de entendimento da comunicação, assim como nos ajudar a lançar interpretações possíveis ao conceito de mediatização.

Palavras-chave: Comunicação; Comunicologia; Vilém Flusser.

Abstract: In this article, we intent to understand the phenomenon of communication from Vilém Flusser's concept of communicology, bringing its internal mechanisms, in order to try ways that contribute to possible articulations of understanding of communication, as well as help us to introduce possible interpretations of the concept of "mediatização".

Keywords: Communication; Communicology; Vilém Flusser.

A criação e o uso da técnica pelo homem no desenvolvimento da cultura proporcionaram uma permanente configuração/reconfiguração do tempo e do espaço e, com isto, a configuração/ reconfiguração do próprio corpo/mente e das construções de imagens do mundo, engendrando inúmeros processos comunicacionais e culturais.

¹ Trabalho apresentado ao III Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 6 a 10 de maio de 2019.

² Doutoranda do Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica, PUC-SP. E-mail: anacecilia_ag2@yahoo.com.br.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Flusser discorre a respeito dessas transformações do tempo-espaço em seu conceito de Escalada da Abstração, em que aponta essas transformações e suas consequências no desenvolvimento da cultura humana.

Nesta escalada da abstração podemos entender a redução de dimensões do espaço e o efeito desta redução que contínua incidindo sobre os processos comunicacionais e culturais.

Para Flusser (2008, p.15), o primeiro gesto abstrairdor é a manipulação. “O animal e o ‘homem natural’ (*tal contradictio in adiectu*) encontram-se mergulhados no espaço-tempo, no mundo de volumes que se aproximam e se afastam. O homem, ao contrário do animal, possui mãos com as quais pode segurar os volumes, pode fazer com que parem. Por essa ‘manipulação’, o homem abstrai o tempo e destarte transforma o mundo em ‘circunstância’”. Assim, a circunstância abstrata agora pode ser informada e transformada em cultura. Com esse primeiro gesto, “o homem abstrai o tempo do mundo concreto e transforma a si próprio em ente abstrairdor, isto é, em homem propriamente dito” (Flusser, 2011, p.16).

A manipulação promovida pelas mãos está sob o controle dos olhos que transformam práxis em teoria. A visão é o segundo gesto abstrairdor, pois as imagens abstraem também o espaço no momento que abstraem “a profundidade da circunstâncias e a fixam em planos, transformam a circunstância em cena” (Flusser, 2008, p.16). Por esse gesto, “o homem transforma a si próprio em homo sapiens, ou seja, em ente que age conforme projeto” (Flusser, 2008, p.16).

Nessa escalada, o terceiro gesto abstrairdor é a conceituação, pois ele abstrai a largura da superfície e se transforma em homem histórico, “em ator que concebe o imaginado” (Flusser, 2008, p.17). Tem-se um tempo linear que a escrita promove, ordenando-a conforme os fios do texto, frutos de convenção. Os textos passam a representar “cenas imaginadas assim como as cenas representam a circunstância palpável”. (Flusser, 2008, p.17).



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

A percepção de que esses fios se desfaziam e que eram “pedrinhas dos colares que se põem a rolar, soltas dos fios tornados podres” (Flusser, 2008, p.17), levou ao homem ao quarto gesto abstraidor: o cálculo e a computação. Esse gesto proporcionou a abstração do comprimento da linha. E uma vez calculada, os pontos zero dimensionais “podem ser reagrupados em mosaicos, podem ser ‘computados’, formando então linhas secundárias (curvas projetadas), planos secundários (imagens técnicas), volumes secundários (hologramas)” (Flusser, 2008, p.17). Nesse gesto, o homem se transforma “em jogador que calcula e computa o concebido”. (Flusser, 2008, p.17).

Essa escalada não aconteceu de forma linear e ininterrupta. Flusser (2008, p.18-19), ressalta:

Os quatro passos da abstração, sugeridos acima, não foram série ininterrupta: foram sempre interrompidos por passos de volta para o concreto. O propósito de toda abstração é o de tomar distância do concreto para poder agarrá-lo melhor. A mão segura volumes para poder manipulá-los, o olho contempla superfícies para poder imaginar volumes, o dedo concebe para poder imaginar e a ponta do dedo calcula para conceber. Abstrair não é progredir, mas regredir, é um *reculer pour mieux sauter*. De maneira que a história da cultura não é série de progressos, mas dança em torno do concreto. No decorrer de tal dança tornou-se sempre mais difícil, paradoxalmente, o retorno para o concreto. Tal conscientização do absurdo da abstração caracteriza o clima do último estágio (*endgame*) no qual estamos.

Durante essa dança em torno do concreto, as noções de tempo e espaço foram se modificando e, conseqüentemente, transformando as formas como nos comunicamos e construímos cultura. Na tentativa de ordenar o sentido, o homem moderno, através dos meios técnicos, transforma os fios em pontos e os intervalos temporais em superfícies.

Segundo Flusser (2008, p.23),

A desintegração das ondas em gotas, dos juízos em bits e das ações em *actomas* desvendam o abismo do nada. Os pontos nos quais tudo se desintegra não tem dimensões, são imensuráveis. Entre tais pontos, intervalos se abrem. Não se pode viver em tal universo vazio com consciência destarte desintegrada. É preciso que obriguemos os pontos a se juntarem, que os integremos, que tapemos os intervalos, a fim de concretizarmos tal universo e tal consciência radicalmente abstratos.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Isto acontece quando percebemos que os fios que ordenavam a vida e o núcleo do nosso pensamento conceitual se desintegram. Deixam de ser discursos lógicos para serem *bits*, proporções calculáveis. Para o autor, teria sido essa desintegração ‘espontânea’ da linearidade que nos obrigou a um universo zero dimensional e a uma consciência pós-histórica.

Enquanto reduzia-se o espaço, alterava-se a noção de tempo, pois os intervalos contidos nos gestos são desconstruídos pelo aparelho. Segundo Flusser (2011, p.140):

Tais intervalos são tempo de espera. Pois para consciência histórica, processual, tais intervalos são dificilmente suportáveis. Parecem vazios, (...), parado, o *nunc stans* dos antigos. Que proporcione a sensação do nada. O tédio é a experiência temporal característica do funcionamento.

E seria essa experiência que nos colocaria diante de um desafio: elaborar novos modelos de tempo. Flusser aponta as diferentes noções de tempo no decorrer do desenvolvimento cultural desde a sociedade agrária até a sociedade pós-industrial. Na sociedade agrária, o tempo era ciclo. O tempo circula no espaço e ordena as coisas. O tempo circular não dá lugar à causalidade. Na sociedade industrial, o tempo é reta, linha. Sequência de eventos que jamais se repetem. O tempo linear é histórico. É o tempo da vida histórica, e o seu modelo é o da causalidade. Na sociedade pós-industrial, o tempo seria abismo. Vórtice do presente que suga tudo. O presente é a totalidade do real. Nele todas as virtualidades se realizam. E o presente está parado.

Segundo Flusser (2011, p.142):

Aonde estou eu, lá está o presente. Eu sou vórtice que suga o futuro para apresenta-lo e transformá-lo em passado. O passado não é senão aspecto do presente. As coisas apresentadas são guardadas no presente. Tal armazém presente é passado em dois sentidos: está disponível (memória), ou indisponível (recalque).

Na sociedade pós-industrial e no modelo cibernético de tempo, o homem passaria a ser abismo dentro do qual o tempo se precipitaria. O homem seria vacuidade e ao vivenciar tal vacuidade nada parece se apresentar. Esta consciência de vacuidade se mostraria justamneto durante os intervalos do próprio funcionamento deste homem pós-



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

industrial. E segundo o autor, o que fundamentaria esse funcionamento é a espera desse tempo vazio. Uma espera vivenciada como tédio, “por ser intervalo absurdo em funcionamento absurdo” (Flusser, 2011, p.142). 143

No entanto, esta espera, esse tempo parado revelam-se, para o autor, como fendas, brechas, possibilidades diante do aparelho. Já que:

Ao enfrentarmos o nada descobrimos que nada somos. Que tanto eu como o mundo são extrapolações abstratas da concreticidade da experiência do nada. Na espera fazemos *epoché* no sentido husserliano. Funcionam para preencher as fendas que somos. Já que a experiência da vacuidade é a experiência da morte, podemos reformular a função dos aparelhos. Funcionam para divertir-nos da experiência da morte. Nas fendas de tal funcionamento a morte reaparece sob forma de tédio. E os aparelhos bombardeiam o tédio com sensações, a fim de reprimi-lo. O tédio é inimigo do funcionamento, porque o desmascara. O tédio é a desmitificação do aparelho. (Flusser, 2011, p.143)

Essas reconfigurações alteraram a forma do homem estar no mundo, pois o colocou diante de meios técnicos que regulam e programam o seu modo de vida, mas que também abrem algumas possibilidades de interação por meio dessa desmitificação e pelo jogo (será desenvolvido mais adiante).

Aqui surge uma questão: a inserção cada vez maior de meios técnicos na nossa construção de relação com o mundo e com os outros, parece ter levado a uma transferência do *modus operandi* do meio técnico para um *modus operandi* humano. O que parece ter acontecido é a absorção apenas do funcionamento dos meios técnicos. Assim como os meios técnicos funcionam, o homem parece querer funcionar.

Günter Anders discorre sobre essa questão já na década de 1950. Para ele, os aparelhos nos marcam e de uma forma ou de outra geram mudanças em nós, independentemente de seu uso. Ao mesmo tempo que podem nos obscurecer, apesar de parecerem nos iluminar. Por meio da técnica, as pessoas se acham esclarecidas, mas às vezes não percebem que nada conseguem ver.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Ainda segundo Anders, diante do aparelho, nossas ações deixariam de coincidir com nossas concepções morais, fazendo com que construamos mais do que podemos imaginar ou nos responsabilizar, façamos mais do que, de fato, podemos sentir. E nesse desespero de imitação do aparelho passaríamos a incorporar, em certa medida, a funcionalidade deles, sua ausência de pressupostos éticos, seu funcionamento puro e simples. Os aparelhos não têm medo e parece que assim também os homens são programados a viver: sem compromissos éticos, sem responsabilidade com o outro, sem medo. Os aparelhos poderiam nos tornar incapazes para o medo, portanto muito mais perigosos.

Essas transformações de tempo-espaço e a ordenação de sentido(s) por meio da técnica poderia resultar na criação de uma cultura geradora de configurações frágeis, vulneráveis ao embaralhamento das mensagens e expostas aos efeitos de poder. Uma cultura sem muitas fronteiras, que é construída na superfície por meios instrumentalizados. As técnicas vão consumindo a cultura e a soterrando com lixo proporcionado pela lógica dicotômica do funcionamento do objeto técnico e levando o homem em seu movimento, dificultando relações de transcendência e ocultando as referências de realidade que orientariam os percursos da vida, restando-nos, apenas, dois tipos de passado: uma camada superficial, histórica, e uma camada recalçada, passado recusado, que é consumido e condicionante dos processos culturais.

Nesse sentido, a comunicação torna-se indecível e inominável e, assim, seria possível a emergência de um terceiro ainda não nominado. Um terceiro no qual poderíamos compreender as transformações da linguagem e da comunicação, dando espaço à dúvida e à conversação (FLUSSER, 2011), assumindo um pensamento analógico na construção de um possível percurso cognitivo.

Para isso é importante duvidar. A dúvida gera movimentos cognitivos, mas não para ir de um ponto a outro, mas para dar um salto dentro do próprio movimento, permitindo apenas que a comunicação permaneça comunicante. Para compreender esse movimento, tentamos entender a comunicação na linguagem em si mesma, e não através



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

do que se expressa através da linguagem e acatarmos a falta de judicatividade da linguagem. Nesse sentido, os meios técnicos são instrumentos que interferem, mas não determinam o caráter da comunicação. Assim, buscamos perceber ambivalências e não reduzir a comunicação à transmissão, mas uma comunicação que produza o espaço entre: “uma espacialidade que se distingue da natureza física do espaço, exatamente pela sua natureza sígnica de sentido fluido, indeterminado, ambivalente e interativo”. (FERRARA, 2015, p.20).

Assim, tentamos compreender como pensar a comunicação retirando-a de um campo teórico que a reduz a mero meio técnico ou à transmissão. Esta é uma questão que exige trazer à tona seus mecanismos internos, a fim de tentar traçar outros caminhos cognitivos que contribuam para novas articulações possíveis de entendimento da comunicação, assim como nos ajudar a lançar interpretações possíveis à ideia de midiatização.

Para não cair nessa ideia de comunicação como mera transmissão, entendemos que comunicação e mídia não se configuram como sinônimos. Tratam de conceitos e processos distintos. De acordo com Ferrara (2018), a mídia estaria mais vinculada a uma dimensão instrumental e de poder da comunicação “a serviço de um interesse exógeno à própria essência comunicativa” (2018, p.17), constituindo-se como um programa. Enquanto a comunicação ocorreria “na linguagem, com ela e além dela, mas sem pressupostos ou planos” (2018, p. 18), constituindo-se como projeto. Assim, mídia e comunicação estariam quase que em pontos opostos: mídia como programa x comunicação projeto comunicativo. Ultrapassar a associação direta entre mídia e comunicação talvez nos ajude a dar um passo atrás diante do abismo do nada (FLUSSER, 2008) e configurar possíveis associações comunicacionais e, conseqüentemente culturais, na construção de lugares de potência e existência concreta e deliberada.

Entendemos que “toda linguagem comunica a si mesma (...) Aquilo que é comunicável em uma essência espiritual é aquilo no que ela se comunica; o que quer



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

dizer toda língua se comunica em si mesma” (BENJAMIN, 2013, p.53), sendo toda linguagem *medium* da comunicação. Assim, partimos da hipótese de que a comunicação supõe um modo de dizer que gera um modo de pensar, encontrando-se no tempo contínuo, tornando difícil a sua apreensão. Trata-se de uma capacidade de estar em disponibilidade comunicativa, ou seja, em permanente transformação, e não transporte.

Aqui, inserimos na conversação o conceito de comunicologia desenvolvido por Vilém Flusser. O conceito de comunicologia nos interessa porque, a partir dele, podemos nos indagar: porque construir uma comunicologia e não desenvolver o conceito de comunicação? O que estaria por trás dessa não conceituação da comunicação? O que haveria aí de relevante para a área da comunicação? O que subjaz ao conceito de comunicologia? Seria a dúvida e a liberdade elementos conectores? Ou o abismo e o lançar-se a ele que os vincularia? Parece-nos que o abismo se torna uma metáfora potente, tendo em vista a consciência de que viveríamos em um mundo absurdo e o habitamos na e pela linguagem, tratando-se de um jogo que se joga e em se jogando passa a ser configurado e reconfigurado.

Assim, parece-nos que a comunicação seria uma abertura para o nada, um estado de disponibilidade comunicativa indecisa e de difícil (impossível?) conceituação. Ao contrário, a comunicologia, dada as suas possibilidades de articulação e fissuras internas, poderia se propor a ser uma entre muitas possibilidades de configurações do concreto. Assim, a comunicologia tornar-se-ia uma possibilidade de compreender a comunicação sem conceituá-la, sem matá-la, mesmo que ainda seja construída pela e na linguagem, por meio dos códigos disponíveis e dos processos culturais que a comunicologia mesma constrói.

A ausência de fundamento e a consciência do absurdo e do abismo da linguagem nos propõe a consciência desse jogo (via linguagem), que só é possível por uma capacidade de estarmos em comunicação. Não podemos esquecer que a cultura é jogo e que a vida está para além e aquém da linguagem e nela acontecem os mais diversos



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

processos de interação (muitas vezes não codificados e inexpressos) que terminam por ditar as novas regras do jogo.

Flusser monta e articula o seu jogo e o joga com a dúvida e com o conhecimento. Nesse sentido, a comunicologia pode ser entendida como as regras para jogar o jogo no momento em que se joga o jogo. E nesse jogar, o jogo vai se configurando em permanente fluxo, por vezes mais mediativo, por vezes interativo.

Seria possível ver no escuro o jogo acontecendo? O que estaria por trás de cada carta e de cada jogador? Seria possível decifrar o jogo a partir dos processos de pensamento e estratégias de quem joga, dentro do jogo e em se jogando o jogo? Um jogo que tem por nome cultura que não temos muita ideia de onde começa e onde termina em nós. Pois será que conseguiríamos estar diante da cultura e, conseqüentemente, fora dela? Ou estamos nela e por isso achamos que podemos estar diante dela? Uma coisa percebemos: estamos sempre em relação a. Quem cria o ponto de vista seria aquele que observa dentro e fora? Seria esse observador que pela e na linguagem cria informação e, conseqüentemente, cultura? É diante dessas questões que lançamos a hipótese de que a comunicação seria construtora de cultura. E é isto que buscamos investigar a partir do que Flusser propõe quando formula o conceito de comunicologia.

Para Flusser (2014, p.45), “a comunicologia se torna responsável pela cultura”. A comunicologia (ou comunicologias) é entendida como infraestrutura da cultura (ou culturas). Nesse caso, podemos entender a comunicação como potência de criação, invenção e transformação, o que nos obriga a ir além do código em busca de sermos mais comunicantes.

Estes códigos nada mais são do que abstrações, subtração de dimensões de tempo-espço. Segundo Flusser (2007), para impormos ordem ao caos do mundo, criamos códigos, abstrações, a fim de dissiparmos o medo da falta de sentido e do esquecimento. Para isso, com as revoluções informacionais entramos em uma escalada



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

de abstração e em um crescente grau de artificialização da cultura. Passamos, assim, de um ambiente tridimensional no qual manipulávamos os objetos e os corpos, a partir de uma mediação que se dava pela vivência concreta e pela observação; para um ambiente zerodimensional em que construímos o ambiente a partir de cálculos e conceitos geradores de uma nova imaginação. Esta zerodimensionalidade passa a ser o espaço ao qual seríamos submetidos, num processo de desmaterialização da existência em cálculos, números e pixels.

Com essa “desmaterialização” e surgimento dessa nova imaginação (tecnoinimaginação), teríamos uma imaginação que não está apenas à disposição do caráter mágico da imagem, mas uma nova imaginação capaz de decifrar o que está oculto, o que está por trás das imagens/códigos como paredes opacas que condicionam o comportamento alucinatório de seus consumidores e, indo além delas, ler o universo programado e modelizado subjacente a estas configurações midiáticas. Para Flusser (1979), “toda imagem por funcionar como um mapa para orientação do mundo, também funciona como biombo que impede a visão do que está atrás dele”, gerando, segundo ele, uma dialética nefasta.

Assim, o que vemos também nos olha e nos cega, o que nos provocaria uma permanente necessidade de duvidar, de estar atento e de desconfiar do que nos é dado, apresentado. Tendo em vista que esta é uma comunicologia que pode construir e manter uma sociedade de controle pautada no programa e no aparelho, é capaz de ordenar a vida, por meio do esvaziamento da experiência e da abstração (zerodimensão). Pode-se criar a partir desta comunicologia um campo que permitiria a instauração de um estado de exceção, que teria por finalidade tornar o corpo, o homem e a vida invisíveis, transformando tudo em vida nua (Agamben, 2010).

Nesse cenário, os meios técnicos seriam aparelhos que promovem e asseguram as normas e o controle programável, já que eles articulariam muito facilmente um enorme número de configurações de visualidade e espetacularização. Para Flusser (1979), os aparelhos seriam máquinas são teorias científicas e que visam produzir significados compostos de elementos inorgânicos e funcionários. Os funcionários teriam



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

muita dificuldade em transcender o aparelho, pois o propósito do aparelho é atingir a ele próprio. O aparelho é meio técnico e o meio técnico só funciona. O fim do aparelho e do funcionário é apenas funcionar. O autor alerta que se não aprendermos a manipular (e decifrar) as tecno-imagens, a partir de uma nova imaginação, não evitaremos o domínio exercido por programas e programadores.

Diante deste alerta, é imprescindível pensar que comunicologia estamos criando, caso queiramos transformar cenários culturais. Se a comunicologia for uma construção, ela não está dada e não se reduz ao meio técnico. Trata-se talvez mais de um posicionamento cognitivo, ético e estético diante da cultura, pois retorna ao humano a responsabilidade pela consciência da criação da própria técnica, colocando em suas mãos os vários horizontes que podem ser vislumbrados e construídos.

Isto pode ser coordenado com o que trata Simondon (2007, p.167) quando escreve que a questão não está só nos objetos técnicos, mas na consciência de sua tecnicidade: o modo como eles se relacionam com o mundo e com outros modos de ser no mundo. O que hoje ainda parece não ser de fácil compreensão. Flusser (s/ano) no texto “A técnica enquanto argumento”, escreve que:

A técnica se tornou milagre de primeiro grau, porque ao funcionar dá significado aos enunciados científicos que ‘aplica’. E com isto está se tornando ‘mágica’ renovam sentido exato do termo: originalmente a técnica era a prova da verdade dos enunciados científicos, e atualmente os enunciados científicos tendem a ser fórmulas que explicam, ‘provam’, o funcionamento dos gadgets” (FLUSSER, s/ano, p. 1).

No entanto, essa prova pode ser posta em xeque pela dúvida quanto à capacidade da técnica resolver problemas, incluso aqueles que ela mesma cria. Ainda segundo Flusser, “o milagre da técnica obstrui atualmente a visão do ‘novo’, porque é utilizado como argumento, aparentemente progressista, mas perfeitamente reacionário, em prol da continuação do progresso na direção da realização de um projeto esvaziado” (FLUSSER, s/n, p.4).



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

A passagem dos séculos XVII para XVIII, nos possibilitou a consciência de que os modelos são modelizáveis; que a teoria é a modelagem de modelo e que toma como referência sempre modelos anteriores. Tendo esta consciência, precisaríamos inventar novas ideias e vivências a fim de mudar os modelos ou quem sabe transformar o clima existencial em outra coisa.

Aqui, trazemos a imagem técnica para tentar compreender os processos que constituem os meios técnicos e os meios comunicativos na passagem da imagem scaneada (midiática) a uma imagem tátil (interativa). A imagem scaneada seria da ordem do descontínuo, da regularidade; imagem que articula toda a comunicação midiática, sustentada e ordenada por uma sociedade de controle e uma cultura da violência. Ela se apresenta como sistema fechado de codificação, instrumental e mediativa. Trata-se de uma estrutura que tenta impor a verdade e é pautada pelo evento histórico e reverssível, sendo assim, negentrópica.

A imagem tátil é da ordem do contínuo e da irregularidade; apresenta-se num sistema aberto de sentido e significações sendo assim interativa; é incerta e pós-histórica.

Na fronteira destas duas imagens temos a imagem mental vinculada à linguagem, com qualidade, mas sem codificação: um terceiro possível. A imagem mental está em uma esfera de indecidibilidade, num “contínuo evolutivo ontológico” (FERRARA, 2018), em que o salto metacontextual pode acontecer e a passagem para uma imagem tátil tornar-se possível.

A imagem tátil pode ser entendida como uma pausa, uma suspensão, um “fantasmata” como enumera Domenico da Piacenza no seu tratado *De la arte di ballare et danzare*, citado por Agamben (2012) no texto “Ninfas”. Recorro aqui à citação que Agamben faz de Domenico: “fantasmata é uma presteza corporal, que é movida com o entendimento da medida (...) parando de vez em quando como se tivesse visto a cabeça da medusa, como diz o poeta, isto é, uma vez feito o movimento, sê todo de pedra naquele instante, e no instante seguinte cria asas como o falcão que tenha sido movido



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

pela fome, segundo a regra acima, isto é, agindo com medida, memória, maneira com medida de terreno e espaço”. Para Agamben (2012), Domenico chama de fantasmata uma parada repentina entre dois movimentos, capaz de concentrar virtualmente, na própria tensão interna, a medida e a memória. Assim, “o verdadeiro lugar do dançarino não está no corpo e em seu movimento, mas na imagem como ‘cabeça de medusa’, como uma pausa não imóvel, mas carregada ao mesmo tempo, de memória e de energia dinâmica”. Dessa forma a imagem tátil tem outra temporalidade.

A imagem tátil se tornaria possível quando conseguimos estar na fronteira e entendemos que tudo está em constante desequilíbrio; que não haveria possibilidade de crenças, mas de dúvidas; que tudo tende ao caos, ao desequilíbrio, à entropia, à perda de definição informacional.

Insistir em uma comunicologia que pretende construir um mundo controlado e de certezas, de imagens scaneadas, estaríamos negando a entropia e endossando cada vez mais uma comunicação instrumental midiática que continuaria tramando a violência na cultura, por meio dos meios técnicos de controle. E, para isso, tudo poderia ser abstraído e banalizado. Tudo se tornaria imagem scaneada em exponibilidade, a fim de destituir qualquer potência de singularidade e de vida, mantendo o controle de quem deve viver e quem deve morrer. Todo controle só engendraria morte.

Para Flusser (2011a), nesse ambiente, a vida passa a ser/ participar de jogos absurdos e, com isso, perdemos o senso da realidade e a distinção entre realidade e ficção perde significado. Frente a este abismo translúcido, Flusser (2011a) destaca essa nova ontologia relacional que implica em nova abertura para a existência humana: abertura rumo à morte, rumo ao nada. Já que o modelo da caixa preta, não é necessariamente o único do qual podemos nos servir para captar o nosso estar-no-mundo, outro modelo é possível: um modelo de vivência e de conhecimento do outro, fundado sobre a vacuidade. Um modelo fundado sobre a consciência do absurdo da existência humana, como um modelo de fim de jogo. Flusser conclui:

Creio que tal arte do amor, em situação que sabemos absurda, é a única resposta da qual dispomos para fazermos face ao abismo que se



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

abriu debaixo dos nossos pés, e que tal arte não pode ser deliberada, mas surge espontaneamente. E creio ser ela a única alternativa ao suicídio, já que é suicídio no outro. (FLUSSER, 2011a, p.181).

Nesse sentido e segundo Flusser, o engajamento seria decisão para escaparmos do abismo do nada e consistiria em imaginar sempre mais densamente, a fim de escaparmos do abismo do nada, pois os nossos véus não encobrem o nada, eles são a nossa resposta ao nada. Não se trata de rasgar nossos véus, mas tecê-los. “Não lhes dar as costas para encarar o nada, mas dar as costas ao nada para orientar-se no universo dos véus a fim de poder torná-los mais densos” (FLUSSER, 2008, p. 46). Este engajamento poderia nos levar à emergência de uma nova consciência.

Portanto, o surgimento dessa nova consciência perpassa por um pensamento analógico, desenvolvido por Melandri (2002), que busca um movimento capaz de transformar o que ficou em uma extra-lógica, um terceiro que faz a ponte entre o passado e o futuro, no presente. Aqui estaríamos talvez diante da imagem mental que, em fronteira, possibilitaria o salto.

A analogia se situa no lugar “entre”, entre a linguagem e a realidade. Assim, a imagem pode estar em outro lugar, para além do que é visível. Ela tem, como linguagem, a potência na construção da motivação na linguagem. E a motivação é subversiva e passa a ser uma resistência comunicativa. A imagem perdura e se perde constantemente. Assim, recuperar a perda é verificar como a imagem pode perdurar e se perder poeticamente. E aqui a analogia expõe seu senso político, já que se trata de um eixo relacional que inclui a contradição, o alienado, o excluído, o terceiro.

Talvez, assim, possamos, a partir de uma conversação pela linguagem e na linguagem, promover a singularidade do *quodlibet* (AGAMBEN, 1993, p. 11), “qualquer um, indiferentemente”, nem particular nem universal, apenas “um próprio ter-lugar” para a comunicação.

Não é a indiferença da natureza comum em relação às singularidades, mas a indiferença do comum e do próprio, do gênero e da espécie, da essência e do acidente que constitui o qualquer. Qualquer é a coisa



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

com todas as suas propriedades, mas nenhuma delas constitui diferença. A in-diferença em relação às propriedades é o que individua e dissemina singularidades, as torna amáveis (*quodlibetais*). (AGAMBEN, 1993, p.23).

Nesse lugar encontra-se a possibilidade do terceiro, por meio de uma linguagem que retome sua primeiridade, da qualidade qual-quer, cujo pertencimento estará sempre no limbo e na potência, prestes a torna-se ato, em conversação.

Segundo Agamben (1993, p.21), “a individuação como o facto de se acrescentar a natureza ou forma comum (por exemplo, a humanidade) não outra forma, ou essência, ou propriedade, mas uma *ultima realitas*, uma ‘ultimidade’ da própria forma... Uma *acceidade*”. Segundo Duns Scot (apud AGAMBEN, 1993, p. 21) “que a forma ou natureza comum seja indiferente a qualquer singularidade; que ela, em si, não seja nem particular nem universal, nem una nem múltipla, mas de tal maneira que ‘não recuse ser colocada como uma qualquer unidade singular’”.

E nesse movimento, a individuação passa à metaindividuação (SIMONDON, 2015), pois aqui a individuação passa a ser articulada em conversação gerando comportamentos, hábitos que passam à linguagem performativa, de ato à potência para se tornarem ato novamente. Trata-se aqui de uma performatividade ética e estética, logo, política, pois a partir desses processos, a metaindividuação ganha a possibilidade de construção do coletivo, constituído de sujeitos, de uma singularidade geral.

Compreender essa rede é fundamental para pensar uma política da comunicação, tendo em vista que a comunicologia é engajamento político *sensu stricto*, pois tem a possibilidade de tornar público algo privado e pô-lo em conversação, possibilitando, assim, a metaindividuação e uma nova subjetividade por uma capacidade de resistência. Assim, a comunicologia pode ser pensada como a zona de operação do transindividual no coletivo, pois é através da comunicação que está em movimento o ato comunicante que nunca se completa.

Sendo assim, é na in-diferença criativa da linguagem, numa dialética da imobilidade (BENJAMIN, 2009) e inoperância (AGAMBEN, 2017) que podemos



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

pensar esse salto. Trata-se de pensar a comunicação como fluxo e a (as) comunicologia (as) como sistemas que configuram modos de pensamento. Para isso, a poética, o chiste, o jogo aparecem como possibilidades de fissuras da mídia, na busca de des-habituar o olhar e des-colonizar o pensamento.

A comunicação é indecisa (FERRARA, 2015) e deve também se propor inoperante, assumindo, assim, um *ethos*. Para isso, se faz necessário calibragem e interação, já que os desejos e a potência de criação do homem estão além da expressividade da língua e da linguagem. Aí a comunicação encontra sua inoperatividade pois, ante sua expressividade, manifesta voltar-se para si mesma, para o campo da linguagem, da motivação das palavras e da pausa, possibilitando a resistência e a construção de terceiros a partir da uma poética da desprogramação.

Esta resistência trata de uma luta interna que possibilita o ato de criação. Uma decisão pelo não poder, como potência do poder; pelo não agir, como potência da ação; e pelo não comunicar, como potência da comunicação. E é nesse movimento que a dúvida aparece e pode gerar um novo conhecer. Então, a comunicação poderia superar sua função instrumental e transmissiva, para ser lugar de potência e existência.

Essa emergência traz consigo a possibilidade de resistência por meio dos novos usos e a profanação do dispositivo/aparelho/programa, pois para Agamben (2007, p.74):

A atividade que daí resulta torna-se dessa forma puro meio, ou seja, uma prática que embora conserve tenazmente sua natureza de meio se emancipou da sua relação com uma finalidade, esqueceu alegremente seu objetivo, podendo agora exhibir-se como tal, como meio sem fim. Assim, a criação de um novo uso só é possível ao homem se ele desativar o velho uso, tornando-o inoperante.

Essa desativação faz-se pelo brincar, pela dissolução da gravidade da política jurídico-estatal por meio de jogos de mobilização e ação e jogo discursivo, de palavras. Transformar o aparelho em brinquedo e profanar sua programação, essa é uma possibilidade de sairmos da ordem arbitrária da linguagem e gerar performatividade linguística para, em conversação, conseguir gerar um conhecimento analógico capaz de



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

fugir dos códigos e dos programas, rompendo com a magia da técnica rumo a uma nova imaginação, a uma comunicologia.

Assim, ao inverter o olhar sobre a cultura e sobre comunicação por meio de jogos de linguagem, Flusser deixa claro o posicionamento lúdico e político diante da vida absurda e do abismo. Possibilita-se uma abertura, uma cisão, uma fresta, um rasgo no logos, com potência de retorno à iconicidade, ao quase-signo que tenciona emergir dessa fresta, desse rasgo, por meio de um processo de pausa e de inoperosidade (AGAMBEN, 2017). Nesse caso, parece não haver fim teleológico, nem função, apenas disponibilidade, como um *perpetuum mobile*. E por isso, político, pois põe em questão a própria forma do pensar, põe em questão o logos.

Nesse contexto, a(s) comunicologia(s) pode ser entendida como ciência possível de articulação de saberes para a construção de outra cultura, na qual a decisão e a liberdade possam ser fundamentais. Uma comunicologia que possa ser capaz de dissolver, construir e novamente dissolver informações. Assim, não só a comunicação, mas a vida, estaria prioritariamente no campo político, pois deliberativo e consciente de sua construção-dissolução no mundo e na cultura. Talvez seja possível uma comunicologia(s) que esteja consciente de seu estado provisório, de estar no intervalo e no contínuo de vida e morte.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Signatura Rerum. Sobre el médoto*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2010.

_____. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Minas Gerais: Editora UFMG, 2010.

_____. *A comunidade que vem*. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

_____. *Profanações*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

_____. Arqueologia de uma arqueologia. In: *La linea e il circolo. Studio logico-filosofico sull'analogia*. MELANDRI, Enzo. Macerata - Itália: Quodlibet, 2002. Trad.: Eduardo Fernandes Araújo. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/espacc/files>. Acessado 01.05.2016.

_____. *Ninfas*. São Paulo: Hedra, 2012.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

-
- _____. O uso dos corpos. Homo sacer IV, 2. São Paulo: Boitempo, 2017.
- BENJAMIN, Walter. Passagens. São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.
- _____. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem. In: Escritos sobre mito e linguagem. São Paulo: Duas cidades, 2013.
- BOUGNOUX, Daniel. Introdução às ciências da comunicação. Santa Catarina: Edusc, 1999.
- DERRIDA, Jaques. Carta a um amigo japonês. Disponível em http://file:///E:/Downloads/Textos_Derrida.pdf. Acessado em 26/03/2019.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Comunicação, Mediações, Interações. São Paulo: Paulus, 2015.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. A comunicação que não vemos. São Paulo: Paulus, 2018.
- FLUSSER, Vilém. O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- _____. A dúvida. São Paulo: Annablume, 2011.
- _____. O universo das imagens técnicas. Elogio a superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008a.
- _____. Comunicologia. Reflexões sobre o futuro: as conferências de Bochum. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2014.
- _____. Ora, aprenda a ler televisão, fotografia... Revista sem catalogação, Dezembro, 1979.
- _____. De sujeito em projeto. Disponível em <http://www.flusserbrasil.com/art354.pdf>. Acessado em 18/06/2018. Sem data.
- MELANDRI, Enzo. La linea e il circolo. Studio logico-filosofico sull'analogia. Macerata - Itália: Quodlibet, 2002.
- SIMONDON, Gilbert. **La individuación a la luz de las nociones de forma y de información**. 2ª ed. Buenos Aires (Argentina): Editorial Cactus, 2015.
- _____. El modo de existencia de los objetos técnicos. 1ª ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.